

Questões Contextualizadas nos Vestibulares

Uma maneira criativa de elaborar questões contextualizadas e operatórias verificada nas provas de História dos últimos vestibulares do País tem sido a utilização de cantigas populares, músicas de protesto, cantos regionais, marchinhas carnavalescas e poesias de cordel nos comandos das questões. Na última avaliação do PAS/UnB – 3ª etapa – por exemplo, foi abordado no comando da questão 40, o samba *Retrato do Velho*, de autoria de Marino Pinto e Haroldo Lobo: “Bota o retrato do velho outra vez / bota no mesmo lugar / o sorriso do velhinho faz a gente se animar... / o sorriso do velhinho faz a gente trabalhar”.

A partir desse trecho, os itens que deveriam ser julgados como verdadeiros ou falsos, versavam sobre o populismo de forma geral e as peculiaridades do Varguismo nos anos 30 e 50, com referências ao trabalhismo, ao DIP e ao contexto mundial em que ocorreu a ascensão de Getúlio à condição de presidente do Brasil. Imaginem agora, a música Dr. Getúlio, de autoria de Chico Buarque para a peça homônima de Dias Gomes e Ferreira Goulart em 1983, como texto de consulta para julgar os itens de uma suposta questão do vestibular. Sem a metáfora, que é um traço típico do autor, a música faz referências diretas a Vargas, tais como: “Foi o chefe mais amado da nação / desde o sucesso da revolução / liderando os liberais / foi o pai dos mais humildes brasileiros / lutando contra grupos financeiros / e altos interesses internacionais... / os nossos corações hão de ser nossos / a terra, o nosso sangue, os nossos poços / o petróleo é nosso...”

A seqüência dos versos dessa canção demonstra com clareza a ro-

ta política de Vargas, sua luta contra o imperialismo, seu caráter nacionalista através da campanha “O petróleo é nosso” e a comoção nacional com o seu suicídio. Em uma questão discursiva – tipo 2ª fase da Unicamp – por exemplo, o vestibulando poderia ser inquirido sobre esses temas da “Era Vargas” de forma indireta, ou seja, tendo que enxergar na letra da música os fatos históricos com capacidade de crítica e análise. Não é a toa que chamamos a atenção para essa possibilidade. A Unicamp certa vez formulou uma questão que pedia para os candidatos analisarem dois momentos históricos do Brasil – 1968, o ingresso formal na ditadura militar e 1985, o fim do ciclo de presidentes militares – a partir das músicas *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré, e *Homem Primate*, da banda Titãs. Essa questão acabou se tornando um exercício constante em vários livros de história.

Vários compositores da MPB têm obras para o cinema e o teatro brasileiros, mas Chico Buarque talvez seja o que melhor se destaca na condição de cronista social da história brasileira, não apenas por suas canções de protesto nos “anos de chumbo” como *Apesar de você* ou *Cálice*, mas também por obras primas como *Fado tropical*: “Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal / ainda vai tornar-se um imenso Portugal... / um império colonial...”. Ou ainda, as canções feitas em parceria com Ruy Guerra para a peça *Calabar* de 1973, onde tentam resgatar a discussão sobre o dúvida papel do mestiço Domingos Fernandes Calabar durante a presença holandesa no Brasil colonial, além de abordar aspectos étnicos, a mesti-

çagem e a sociedade patriarcal do engenho nordestino.

O compositor chega a ser tão amplo nesse aspecto da contextualização histórica que criou *Tanto mar*, música que ressalta a Revolução dos Cravos em Portugal (1974), que acabou com a já anacrônica ditadura salazarista, porém usando um tom quase melancólico, pois o Brasil vivenciava ainda a franca ditadura militar.

“Sei que estás em festa, pá
Fico contente
E enquanto estou ausente
Guarda um cravo para mim

Eu queria estar na festa, pá
Com a tua gente
E olhar pessoalmente
Uma flor do teu jardim

Sei que há léguas a nos separar
Tanto mar, tanto mar
Sei quanto é preciso, pá
Navegar, navegar

Lá faz primavera, pá
Cá estou doente
Manda urgentemente
Algum cheirinho de alecrim”
(1ª versão censurada)

No último vestibular da UnB as questões de 11 a 13 da prova de História tiveram como texto para consulta o poema Epitáfio para o século XX, de Affonso Romano de Santana e ainda a primeira questão dessa mesma prova utilizou-se de um poema de Carlos Drummond de Andrade para abordar o tempo histórico em uma bela questão sobre teoria.

Charges e mapas também podem constar na prova, tanto do PAS quanto nos vestibulares tradicionais. Dois bons livros de charges são *Capitalismo para principiantes* e *História do Brasil para principiantes*, ambos do mesmo autor, Carlos Eduardo Novaes.

Agora, aproveitando o tema 500 anos do descobrimento, tão em voga na mídia, resolva esses exemplos de questões contextualizadas que se seguem. Boa sorte e até a próxima semana.

ROBSON ARRAYS

Professor de História do Curso Galois

Responda

(Renato Russo)

“A novidade que tem no Brejo da Cruz

é a criança a se alimentar de luz(...)

Eletrizados cruzam os céus do Brasil

Na rodoviária assumem formas mil

uns vendem fumo
Tem uns que viram Jesus
Muito sanfoneiro cego
tocando blues
uns têm saudade e dançam
maracatus
uns atiram pedras
outros passeiam nus (...”)



(Chico Buarque)

“Quem me dera ao menos uma vez entender

como um só Deus ao mesmo tempo é três(...)

e esse mesmo Deus foi morto por vocês...

Quem me dera ao menos uma vez como a

mais bela tribo dos mais belos índios

não ser atacado por ser inocente(...”)

Nos deram espelhos e vimos um mundo doente”.

Sobre os temas sugeridos ou implícitos nos textos acima, julgue os itens.

() Podemos interpretar que, criticando problemas sociais do Brasil de seu tempo, o compositor Chico Buarque usa a expressão “Brejo da Cruz” como uma conclusão final a seqüência de nomes que o nosso País recebeu a partir do descobrimento: Monte Pascoal, Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e Brasil.

() A expressão usada pelo autor do 2º trecho faz menção às formas de conquista portuguesa sobre os índios que são: o cristianismo, as doenças trazidas pelo branco e o escambo com o pau-brasil.

() A exploração do pau-brasil foi bastante lucrativa para os portugueses, que bem aparelhados e sistemáticos tiveram um único e grave problema na exploração: o caráter predatório.

() O autor do primeiro texto também faz referência, nas classes desprivilegiadas, de hábitos daqueles “primeiros moradores” do Brasil: os índios, confirmando um certo trecho da famosa “certidão de nascimento” do Brasil que é: “são alvos, de cabeços torqueados, narizes finos e não escondem suas vergonhas”.

() Em “não ser atacado por ser inocente”, um dos autores está afirmado que o início da dizimação dos índios brasileiros foi fruto da covardia dos colonizadores portugueses e assim ignorar que mesmo antes da colonização do Brasil verificou-se guerras entre tribos por terras, principalmente às margens de rios brasileiros.